



Caminhos, territórios e paisagens: exercício cartográfico para disputas em rede¹

Paula Gorini Oliveira²

UERJ

Resumo

Este trabalho é parte de uma tese em andamento que investiga as “disputas em rede”, um fenômeno comunicativo contemporâneo, relacionado aos conflitos sociais e políticos, observados a partir de redes sociais online e presenciais. Trata-se de reflexões, em forma de ensaio, que buscam fazer um cruzamento de ideias, conceitos e práticas que constituem a pesquisa. Embasadas teórica e metodologicamente no método cartográfico, tal qual formulado por Passos et al., tais reflexões assumem uma relação íntima entre sujeito e objeto na investigação, dada às próprias circunstâncias em que o objeto surge. A investigação tem seu início a partir de um *acontecimento/acidente*, a passagem Casa Nuvem - Casa Nem, em que são observadas disputas que se manifestam em múltiplas camadas: físicas, afetivas, políticas, sociais e tecnológicas. O presente ensaio procura estabelecer um diálogo entre estas camadas, a fim de ressaltar e discutir seu aspecto complexo e multisituado.

Palavras-chave: disputas em rede; comunicação; produção simbólica; ativismo político.

1. Caminhos.

Tudo é um entre um milhão de caminhos (un camino entre cantidades de caminos). Portanto, você deve sempre manter em mente que um caminho não é mais do que um caminho; se achar que não deve segui-lo, não deve permanecer nele, sob nenhuma circunstância. Para ter uma clareza dessas, é preciso levar uma vida disciplinada. Só então você saberá que qualquer caminho não passa de um caminho, e não há afronta, para si nem para os outros, em largá-lo se é isso que seu coração lhe manda fazer. Mas sua decisão de continuar no caminho ou de largá-lo deve ser isenta de medo ou de ambição. Eu lhe aviso. Olhe bem para cada caminho, e com propósito. Experimente-o tantas vezes quanto achar necessário. Depois, pergunte-se, e só a si, uma coisa. [...] Esse caminho tem um coração? Se tiver, o caminho é bom; se não tiver, não presta. Ambos os caminhos não conduzem a parte alguma; mas um tem coração e o outro não. Um torna a viagem alegre; enquanto você o seguir, será um com ele. O outro o fará maldizer sua vida. Um o torna forte; o outro o enfraquece. (Carlos Castañeda, 1968)

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Consumo e Novos Fluxos Políticos: ativismos, cosmopolitismos, práticas contra-hegemônicas, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

² Doutoranda em comunicação pelo PPGCOM-UERJ/ linha de pesquisa Novas Tecnologias de Comunicação e Cultura, orientanda do professor Fernando do Nascimento Gonçalves, bolsista FAPERJ. paulagorini@gmail.com.



Este ensaio é para falar daquilo que não está dito e que não é de fácil formulação, de caminhos de pesquisa que fogem à lógica tradicional da investigação científica, porque assumem a *fragilidade* do envolvimento pessoal do pesquisador como *potência* do processo da pesquisa. Investiga meios de tornar o sensível em visível. E conta uma história.

Prefiro chamar este texto de ensaio uma vez que não visa responder a perguntas, mas sim fazer um cruzamento entre ideias, práticas e conceitos que circundam a experiência da pesquisa. No entanto, há uma pergunta que movimenta essa escrita, e atravessa o trabalho investigativo como um todo: como tornar visível e dizível (comunicável) a dimensão sensível dos fenômenos das sociabilidades online e presenciais? No contexto das disputas de narrativas, de territórios estéticos e políticos, e no âmbito das práticas de organização de grupos culturais, artísticos e políticos contemporâneos? O presente ensaio é um recorte de materiais recolhidos de minha vivência como membro da Casa Nuvem e da minha experiência como pesquisadora, organizados a partir da minha própria experiência e presença em ambas as instâncias.

A investigação de tese, da qual esse trabalho é um recorte, tem como objeto as “disputas em rede”³, que estão sendo pensadas como um fenômeno comunicativo contemporâneo relacionado a conflitos sociais e políticos, observados a partir de redes digitais e sociais. O conflito que inaugura as disputas é um *acontecimento/ acidente*⁴: a passagem Casa Nuvem – Casa Nem, que será apresentado e discutido na primeira parte do texto. Este *acidente* diz respeito à interrupção do espaço Casa Nuvem, onde antes reunia um grupo de pessoas que atuavam principalmente no campo da arte, cultura e ativismo político, pela ocupação do que atualmente funciona como Casa Nem, espaço de acolhimento temporário para transexuais e travestis e produção de eventos com enfoque principalmente em questões LGBTQ.

³ A rede aqui tem como foco tudo aquilo que está no entre, e que por isso mesmo não é possível de ser percebido enquanto representação, mas apenas no acompanhamento de processos, no observar os rastros que o objeto deixa. A investigação de tese, da qual este artigo é um recorte, tem como inspiração metodológica a abordagem da Teoria Ator-Rede (TAR), tal qual apresentada Bruno Latour, Michel Callon, Jonh Law, entre outros autores.

⁴ O Modo Operativo “And” (M.O_AND) é apresentado no texto “Jogo de perguntas: o modo operativo ‘and’ e o viver juntos sem ideias” (2014), fruto de uma colaboração entre a antropóloga Fernanda Eugênio e o coreógrafo João Fiadeiro. O texto foi publicado no segundo volume do livro “Pistas do método da cartografia...” (Passos et al, 2014), e apresenta o M.O_AND como “sistema de ferramentas-conceito e conceitos-ferramenta de aplicabilidade transversal à arte, à ciência e ao cotidiano para tomada de decisão, a gestão sustentável de relações e a criação de artefatos” (Passos et al, 2014, p. 285). Além da leitura teórica, tive a oportunidade de trabalhar com Fernanda durante uma semana, em janeiro de 2018, como participante do Lab_AND, - um laboratório prático de introdução ao M.O_AND. Como participante, tive contato com este e outros conceitos que muito têm me ajudado em meu processo investigativo, uma vez que falam sobre “como viver juntos”.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Utilizo acima o termo “acidente/ acontecimento” para reforçar a ideia de algo que me atravessou, como participante ativa nesse “evento”, de forma inesperada e me forçou a parar, e *re-parar*; na qualidade de fenômeno e de objeto que tal evento e suas questões passaram a ter em mim enquanto pesquisadora do campo da arte e do ativismo político. É dessa *parada e re-parada* que a tese passou a ser produzida. Tomo emprestado o conceito de “acidente” (e os termos que com ele se relacionam, parar e re-parar), da antropóloga Fernanda Eugênio, que desenvolve um trabalho prático-teórico voltado para o *cuidado* e para o *comum*, o Modo Operativo “And” (M.O_AND). A autora explica que para ativar o M.O_AND é preciso começar pelo meio, e começar pelo meio é “começar pelo imprevisível, ou melhor: começar justo aí, no imprevisível, nesse lugar-situação envolvente em que acidente e acidentado irrompem e se interrompem mutuamente...” (Passos et al, 2014, p. 289). No caso do objeto “disputas em rede”, escolhi usar o termo “acidente” para tratar da passagem Casa Nuvem – Casa Nem não como um “fato”, ou “caso”, - um algo que aconteceu que está isolado até que se visite -, mas sim como um acontecimento que já desde o início *força uma paragem* e ao mesmo tempo *produz relações*.

Enquanto investigadora das produções de arte e ativismo, eu fazia parte do grupo inicial da Casa Nuvem, de pessoas que se juntaram para produzir uma gestão compartilhada, colaborativa, em fevereiro de 2014⁵. Depois de um distanciamento por motivos pessoais, retornei à Casa em meados de 2015, no momento em que a mesma se encontrava numa crise financeira, em meio a um processo de articulação de financiamento coletivo pela plataforma digital *Vakinha.com.br*. Escolhi doar meu tempo livre e habilidades para investir em uma proposta que acreditava. Esse contato intenso com o espaço da Casa Nuvem, seus projetos e atividades, me levaram a escrever o projeto de tese com o qual entrei no doutorado, 2015/2016, que tinha por objetivo acompanhar redes de arteativismo, e eu acreditava que a Casa Nuvem era um ponto de encontro dessas redes.

Em fevereiro de 2016, os rumos do meu projeto investigativo seriam radicalmente transformados, como consequência dos fatos que se sucederam e que levaram a Casa Nuvem a interromper suas atividades, de forma não consensual, e que deram início à Casa Nem. O aspecto não

⁵ Esta posição de participante do grupo da Casa Nuvem me coloca, por um lado, numa posição privilegiada de observação, que diante da abordagem da cartografia assumiria uma posição de observadora-participante. Por outro lado, é um posicionamento de contínua tensão, que gera um grande desafio no lidar com as problemáticas que se apresentam, uma vez que estou emocionalmente envolvida com o objeto. Mas essa intimidade com o objeto reforça a escolha (ou necessidade) de se valer de métodos de pesquisa/ escrita mais flexíveis, menos tradicionais, que permitem, por exemplo, uma expressão mais subjetiva e o uso da escrita em primeira pessoa.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

consensual implica em disputas, brigas e ameaças, que tiveram na “arena” do Facebook seu principal lugar de articulação e adesão, ou confronto, na produção de narrativas disputadas em memórias, discursos políticos, apelos midiáticos (imagens, vídeos, posts), - dando a ver a potência e a relevância desse fenômeno digital e social em nossa contemporaneidade.

Fazendo uma reflexão com a citação de Carlos Castañeda que inaugura este trabalho, me resta pensar, esse caminho tem coração? Sim, acho que tem muito coração. Durante o processo de doutoramento, agora em seu terceiro ano, a observação de disputas se mostrou um trabalho duro, árduo, difícil de ser acompanhado, justamente por seu aspecto de conflito e por meu envolvimento afetivo com o projeto da Casa Nuvem e as pessoas envolvidas nele. A trajetória de pesquisa incluiu experiências práticas, estéticas, enfoques de leitura filosóficos e literários, entre outros recursos, - para poder lidar com a carga emocional que observar conflitos exige. Assim, o presente trabalho ensaia relações possíveis entre experiência vivida e pensamento teórico para aspectos sensíveis que nem sempre são da ordem do dizível, mas que são fundamentais na construção de um caminho que “tem coração”. Coração está aqui entendido também como a possibilidade de se guiar pela intuição, pela emoção, por processos não racionais, não estritamente lógicos. Se deixar guiar pelo corpo, por como os fenômenos me tocam, como são processados em meu corpo e como posso escrever sobre eles.

Algumas apostas metodológicas já apresentam como recursos o uso de diários de campo, a fala em primeira pessoa, ou até mesmo, dependendo do objeto, o fluxo livre de pensamento. No livro “Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade”, (2009), os autores tomam como premissa a construção da pesquisa “em seu próprio caminhar”, ou seja, ao longo de seu próprio desenvolvimento, a partir da interferência do pesquisador em campo. O pesquisador, ou sujeito, se confunde na mesma paisagem em que o objeto se apresenta, e assim são evocadas noções como “saber-com” em contraposição a um “saber-sobre”. (Passos et al, 2009)

Estas ideias dizem respeito a posição que observador e objeto ocupam em uma investigação e estão preocupadas com formas de abordar a discussão acadêmica capazes de dar conta da complexidade em que se apresentam os objetos processuais, a produção subjetiva e as experiências sensíveis. Este ensaio se organiza pela cartografia, ainda que a metodologia investigativa da tese esteja ainda em construção.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

A cartografia se apresenta como meio de “habitar territórios existenciais” e viria a enfatizar a ideia de *comunicação* como *relação*, em que o *vínculo* se faz entre pesquisador e pesquisa (Passos et al., 2009). Neste aspecto, cartografar é produzir relações, ou dar a ver as relações já existentes. Seguindo a terceira pista do livro, das autoras L. Pozzana e V. Kastrup, a criação de elos se insere como parte do método da cartografia, no “acompanhamento processual e não na apresentação de objetos”. Assim,

Ao escrever detalhes do campo com expressões, paisagens e sensações, o coletivo se faz presente no processo de produção de um texto. Nesse ponto, não é mais um sujeito pesquisador a delimitar seu objeto. Sujeito e objeto se fazem juntos, emergem de um plano afetivo. O tema da pesquisa aparece com o pesquisar. [...] Cada palavra se faz viva e inventiva. Carrega uma vida. Podemos dizer que assim a pesquisa se faz em movimento, no acompanhamento de processos, que nos tocam, nos transformam e produzem mundos. (PASSOS et al., 2009, p.73)

Um caminho que se constrói em seu próprio caminhar. *Caminhos* tem a ver com as questões metodológicas que desafiam esse processo de pensamento e escrita. *Territórios* é o exercício de cartografia das disputas em rede, a partir do *acidente* Casa Nuvem – Casa Nem, a demarcação física, simbólica, discursiva desses territórios em disputa. *Paisagens* é o elemento poético e ao mesmo tempo reagregador das disputas. Espaço de articulação entre camadas de real e fabulação, que produzem narrativas, que deflagram o que não está visível. Este ensaio é tecido vivo, organismo em movimento, em construção. Por isso, ensaiamos.

2. Territórios.

O conceito de *território* se mostrou de grande relevância para o desenvolvimento da tese sobre “disputas em rede”. O principal contato com o conceito veio através da leitura de G. Deleuze e F. Guattari, na obra *Mil Platôs*, (1996), que entendem território não como uma demarcação física, geográfica, mas como relação. É deste mesmo ponto de partida que os autores que sintetizam as pistas para o método cartográfico, Passos et al., 2009, (cartografia aqui também é um conceito utilizado a partir da obra *Mil Platôs*), desenvolvem em seus escritos meios de se habitar “territórios existenciais”. Neste sentido, o conceito de território está diretamente ligado aos processos de produção social de subjetividade e ao conceito de agenciamento, em Deleuze e Guattari.

Como para esses filósofos “tudo é político”, todas as relações, sejam elas micro ou macro, que se estabelecem entre territórios existenciais, são também políticas. São territórios políticos porque



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

deflagram relações de poder, mas também são políticos na medida em que entendem que as forças que se estabelecem nessas relações podem ser impulsionadas não apenas de cima para baixo, como o Estado, por exemplo, mas também de baixo pra cima, a partir de uma micropolítica de afecções. No capítulo 9, volume 3, os autores apresentam uma definição da relação entre estas duas instâncias políticas, que muito nos auxilia no entendimento que aqui buscamos. Eles explicam:

Em suma, tudo é político, mas toda política é ao mesmo tempo *macropolítica* e *micropolítica*. Consideremos conjuntos do tipo percepção ou sentimento: sua organização molar, sua segmentaridade dura, não impede todo um mundo de micropceptos inconscientes, de afectos inconscientes, de segmentações finas, que não captam ou não sentem as mesmas coisas, que se distribuem de outro modo, que operam de outro modo. Uma micropolítica da percepção, da afecção, da conversa, etc. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.90)

Seria preciso escrever outro ensaio ou artigo para ser coerente com a profundidade e diversidade dos conceitos desenvolvidos na obra destes dois filósofos. Mas será convocada apenas uma ideia inicial de *território* como base de referência para investigação deste atual trabalho: territorialidades de agenciamentos em relações micro ou macro sociais. E acrescenta-se a este o entendimento *latus senso* de território, um espaço delimitado por limites fronteiriços, que eventualmente entram em disputa por novas demarcações.

Território 1. Casa Nuvem

Espaço de produção, pesquisa e debate sobre arte e ativismo político, ou arteativismo. Serviu como espaço de acolhimento para manifestantes e ativistas durante as manifestações de junho de 2013 e para articulações populares nos protestos anti-copa 2014, onde um dos mais relevantes eixos de trabalho foi na produção da “Carnavandalirização”⁶. Funcionava a partir de uma proposta de autogestão, conduzida por um grupo de pessoas, (numa média que variou de 30 associados, em 2014, a 15, em 2016), que inicialmente se associaram por uma chamada pública (em fevereiro de 2014), para construção de uma gestão compartilhada e colaborativa. Abrigava projetos diversos como cicloativismo (Triciclo), interações entre arte e tecnologia (Nuvem Hub), ações de arteativismo

⁶ O termo é adotado em 2014, durante as manifestações anti-copa (do mundo) no Brasil, pelo grupo do “Atelier de Dissidências Criativas”, que trabalhava na produção de materiais de arte e ativismo político, na Casa Nuvem. É uma síntese entre carnaval, festa popular na rua, (pertencimento à cidade); vandalismo, termo recorrentemente utilizado pela mídia para desmoralizar movimentos populares de protestos políticos; lirismo, termo que remete à produção poética, à arte. (GORINI, 2016)



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

(Atelier de Dissidências Criativas), festas, atelier de fotografia; além de ter abrigado o projeto PreparaNem em seus primeiros meses de realização. Era localizada na Rua Morais e Vale, número 18, onde hoje se localiza a Casa Nem.

Território 2. Casa Nem

Espaço de acolhimento e abrigo temporário para pessoas transexuais e travestis em situação de risco social. Abriga pessoas e projetos sociais, entre eles o PreparaNem, - principal projeto e que dá nome à casa -, de preparação pré-vestibular e ENEM para travestis, transexuais e transgêneros. Produz um trabalho de articulação com outros movimentos sociais, como o feminismo, o feminismo negro, o transfeminismo, as lutas LGBTQ⁷; e tem sido um ponto estratégico de referência na luta do movimento trans na cidade do Rio de Janeiro. Funciona a partir de financiamento coletivo e do apoio e trabalho voluntário de pessoas diretamente engajadas com a causa. Está localizada na Rua Morais e Vale, número 18, Lapa, onde antes funcionava a Casa Nuvem.

A Casa Nem também é fruto de uma *invasão* pelo projeto até então residente da Casa Nuvem, o Prepara Nem, seguido por uma *ocupação* pelas participantes do projeto no imóvel, ocupação que foi simbolicamente reforçada nas redes sociais pela denúncia de *transfobia*. O contrato de aluguel deste imóvel está ainda em nome dos locatários e fiadores (ex)associados da Casa Nuvem, que desde fevereiro de 2016 tentam liberar seus nomes dessa responsabilidade legal e civil, através de acordos não cumpridos. A disputa segue no campo jurídico e a Casa Nem está hoje, (abril de 2018), com uma dívida de mais de 100 mil reais, relativas ao imóvel, em nome dos locatários e fiadores (ex)associados da Casa Nuvem.

Território 3. Facebook

A *passagem* Casa Nuvem - Casa Nem tem como característica a produção de narrativas que recorrem a discursos de violência e denúncias de ambos os lados, publicizados principalmente na rede social do Facebook. Num primeiro momento, o Facebook funciona como uma espécie de “arena” política, onde os conflitos se tornam evidentes e públicos; num segundo momento, o

⁷ Como observadora participante estive presente em dois eventos produzidos pela Casa Nem: um encontro entre prostitutas e ativistas para debater sobre o Projeto de Lei Gabriela Leite, que visa a regulamentação do trabalho do profissional do sexo, organizado em parceria com a Marcha das Vadias do Rio de Janeiro; e o lançamento do livro “O que é lugar de fala?”, de Djamila Ribeiro, uma parceria com o grupo de estudos e pesquisa Intelectuais Negras, da UFRJ.



Facebook passa a *regular* também as dinâmicas destes conflitos, na reverberação de discursos ali produzidos, na produção de narrativas, no compartilhamento e mobilização via *hashtags*. Os discursos produzidos, replicados e disputados na rede digital, se amplificam e se estendem para o espaço fora da rede online, em eventos e debates que parecem dar continuidade aos conflitos iniciados no digital.

Apoiada nas ditas “tretas virtuais” como material de análise, observo uma expansão da produção e circulação de discursos políticos que acabam por se tornar, eles próprios, agentes de mobilização. Estes discursos se multiplicam, somam-se, confrontam-se, mas não parece haver relação, diálogo. Então, o que se pode observar são “lados”. Ainda com base em Oliveira, a comunicação não-linear **não** pode ser entendida pelo esquema tradicional da teoria da informação, em que os interlocutores, meio e mensagem são conhecidos de antemão. No sistema não-linear, “a relação comunicativa é sempre uma relação de transformação. [...] o papel do meio e dos termos pode se mesclar de maneira a possibilitar uma autocomunicação que é ela própria uma recodificação do ser que está engajado no problema” (OLIVEIRA, 2003, p. 166) Então, falar de “lados” seria reforçar uma tendência à polarização, a uma abordagem binária para os fenômenos, o que, por sua complexidade, seria deixar de levar em conta outras camadas que também estão implicadas.

O autor Jacques Rancière possui uma ampla publicação sobre questões filosóficas da política, que muito me auxilia, ao longo do processo de investigação, a pensar em práticas e conceitos políticos, a partir de um certo deslocamento do entendimento do termo no senso comum. Interessante observar como o autor se refere ao termo *desentendimento*:

Por desentendimento entenderemos um tipo determinado de situação da palavra: aquela em que dois interlocutores ao mesmo tempo entende e não entende o que diz o outro. O desentendimento não é o conflito entre aquele que diz branco e aquele que diz preto. É o conflito entre aquele que diz branco e aquele que diz branco, mas não entende a mesma coisa, ou não entende de modo nenhum que o outro diz a mesma coisa com o nome de brancura. (RANCIÈRE, 1996, p. 11)

No caso do desentendimento, me parece muito coerente pensá-lo não como duas ideias diferentes em choque, mas como duas ideias iguais que não conseguem se comunicar, nem falar nem escutar. Como observo as “disputas em rede” a partir de sua complexidade, tentando não inferir um olhar reducionista, o autor tem sido de grande importância para essa ampliação focal. No caso observado neste ensaio, os *desentendimentos* chegam em seu auge durante o carnaval de 2016,



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

quando há um ato de transfobia na festa de carnaval da Casa Nuvem e uma das alunas do Prepara-Nem se machuca e precisa ser rapidamente socorrida.

A festa de carnaval havia sido inicialmente programada para levantar recursos financeiros para sustentabilidade da casa, que era aberta ao público geral, sendo o bar sua principal fonte de retorno econômico. Os participantes do coletivo da Casa Nuvem que estavam presentes durante o episódio, segundo relatos, socorreram a vítima e a levaram para o segundo andar da casa, prestando os primeiros socorros e depois a conduzindo à emergência hospitalar. A associada responsável pelo projeto Prepara Nem foi acionada por telefone e se dirigiu também à Casa Nuvem. Ao chegar, pediu ao dj que parasse a música para que fizesse um pronunciamento geral. O dj respondeu que a festa estava acabando e não parou a música. A energia da casa foi desligada e o pronunciamento foi feito. No dia seguinte, uma imagem e uma frase (Fig.1) marcam as publicações que seriam multiplicadas ao longo dos próximos dias: “Purpurina vira sangue na Casa Nuvem”, e depois, “Casa Nuvem Transfóbica”; “Boicote ao bar da Casa Nuvem”.



Figura 1 - Purpurina e sangue na Casa Nuvem

Fonte: *printscreens* de publicações do Facebook, 07/02/2016.

Como um importante regulador ou mediador dessas forças e suas relações, o Facebook apresenta uma *dobra* destes territórios, ao mesmo tempo social e digital, on e offline, real e produzido. As narrativas disputadas avançam em posicionamentos binários, polarizados, enquanto não conseguem deixar de revelar sua complexidade multisituada: múltiplas camadas deste território simbólico, físico, virtual, social, político. Com base no texto de Luiz Alberto de Oliveira, “Biontes, bióides e borgues” (2003), o conceito de *dobra*, que Oliveira utiliza como metáfora para pensar os sistemas complexos, demonstra que, ao colocar em contato pontos antes separados, é possível acessar novas dimensões, múltiplas e em relação, no que antes era considerado uma superfície simples e linear. Assim explica o autor sobre o conceito de *dobra*:

O que é uma dobra? *Dobra*, ou *prega*, vem do latim, *plica*, que é também raiz de *plexo*. Implicar é dobrar ou conectar, explicar é desdobrar ou dissociar. Complexo ou complicado é o



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

que está dobrado junto, o que está redobrado. O que uma dobra faz? Tomemos uma superfície; ao se dobrar essa superfície, regiões antes separadas são postas em contato, e surge aí uma nova dimensão. (OLIVEIRA, 2003, p. 150)

As conexões que se concretizam pelo deslocamento que a dobra torna possível; as novas dimensões que surgem e produzem novos sentidos, nos ajudam a enxergar as múltiplas camadas em relação. Porque ao levar em conta seu aspecto *complexo* ou *complicado* de dobra, eu estou incluindo cada uma dessas camadas e não estou elegendo uma ou outra como mais relevantes, mas sim valorizando a relação de afetação entre elas.

No caso Casa Nuvem - Casa Nem estão implicados aspectos simbólicos, teóricos, práticos, jurídicos, físicos... é sobre pessoas, sobre um imóvel na Lapa, sobre a causa LGBTQ, sobre o movimento transexual, sobre a resistência política, artística e cultural, sobre a produção de arteativismo, sobre direito a cidade (do Rio de Janeiro), sobre conhecimento, sobre tecnologia. As relações que se estabelecem a partir desta disputa são produzidas no espaço da casa (antes Nuvem, hoje Nem), na produção de textos, em palestras e conversas informais, na rua, em registro de imagens, em relatos de memória, na produção de conceitos, na evocação de conceitos já existentes, num contrato de aluguel, num processo de despejo. É atravessada pelo corpo/ corpos de pessoas diretamente envolvidas, bem como de apoiadores de um ou outro lado, que se expõem, se reservam, adoecem ou se arriscam.

Pensando sobre o termo *política* a partir de Rancière, em “O dissenso” (1996), política não é sobre acordos estabelecidos entre indivíduos e grupos, mas é “antes um modo de ser da comunidade que se opõe a outro modo de ser, um recorte do mundo sensível que se opõe a outro recorte do mundo sensível” (RANCIÈRE, 1996, p. 368). Em poucas palavras, seria pensar que a política é feita de forma mais cotidiana e menos organizada, a partir do confronto entre um modo de ser social e outro que se apresenta dissonante. No processo de ocupação da Casa Nuvem, há um forte indício de uma tensão política, que ao mesmo tempo revela um “recorte de mundo sensível” e a reivindicação de um “lugar de fala”. Observe abaixo a reprodução de uma publicação sobre a ocupação da Casa Nem (Fig. 2).



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

27 de fevereiro de 2016 · 🌐

OCUPAÇÃO DA CASA NUVEM.

TransRevolução e PreoaraNem ocupam a Casa Nuvem por ato de Transfobia que ainda continuam. Contra o silenciamento, a deslegitimação do lugar de fala de Transvestigeneres quando essas pessoas se levantam contra a Transfobia que começa no silêncio e no silenciamento, depois chega às agressões físicas e mortes.

Assim como a Aldeia Maracanã é dos Índios, os quilombos são da população negra, determinados lugares são de travestis, transexuais e transgeneres (transvestigeneres), o Beco do Rato é um desses lugares e em nossos espaços não SOFREREMOS TRANSFOBIA E SE TIVERMOS QUE SANGRAR OU MORRER, QUE ANTES MORRAM E SANGREM CISGENERES TRANSFOBICOS.

PREPAREM OS GARGALOS E QUE COMECE A SANGRIA.

SE NÃO POSSO SER VIOLENTA, NÃO É MINHA (TRANS)REVOLUÇÃO.

OCUPAR E RESISTIR.

TRANSFOBIQUES NÃO PASSARÃO.

Figura 2 – Ocupação Casa Nuvem

Fonte: *printscreen* de post sobre ocupação, 27/02/2016.

As narrativas que disputam a legitimidade da passagem Casa Nuvem – Casa Nem dão a ver os lugares de fala que também estão sendo disputados, que na figura apresentada acima podem ser sublinhados pela frase: “Assim como a Aldeia Maracanã é dos índios, os quilombos são da população negra, determinados lugares são das travestis, transexuais e transgeneres (transvestigeneres), o Beco do Rato é um desses lugares...”. Vale observar que a figura reproduzida apresenta os termos políticos estratégicos do movimento trans, “transexuais” e “transgeneres”, e uma variação deste último, “transvestigênera”. A estratégia é enfatizada pela grafia do “e” no lugar de “o”, tanto para o termo “transgênera”, quanto para sua variação “transvestigênera”. Os termos estratégicos se assumem políticos na medida em que o “lugar de falar” reivindica conjuntamente o território físico do Beco do Rato e o território simbólico da militância trans.

Djamila Ribeiro, em seu recém-publicado livro “O que é lugar de fala?”, argumenta que o entendimento de “lugar de fala” é mais que uma reivindicação de “ponto de vista”, é também a construção de novas epistemologias nos círculos acadêmicos, que produzem análises políticas e sociais, um meio de “refutar a historiografia tradicional e a hierarquização dos saberes consequente da hierarquia social.” (RIBEIRO, 2017, p.64) Isso porque o lugar de fala não possui um caráter individualizado, o “lugar de fala”, segundo a autora, é marcado pelo grupo social e o contexto histórico em que esse grupo se insere, ou seja, “Seria, principalmente, um debate estrutural. Não se trataria de afirmar as experiências individuais, mas de entender como o lugar social que certos grupos ocupam restringem oportunidades.” (RIBEIRO, 2017, p.61) Assim, o “lugar de fala” não se restringiria ao “falar”, mas se ampliaria ao reconhecimento de qualquer espaço social e político, de territórios físicos e simbólicos.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

3. Paisagens.

A casa, cujas janelas estavam entreabertas, apressava-se a fruir esse brilho amarelo antes de entrar no sombrio outubro ou na noite, quando, por uma inversão de papéis, seria ela, a casa, que projetaria a luz do salão sobre o gramado, luz tão melancólica quanto a do oeste, porém mais alaranjada e também mais dominável: bastaria acender os dois candelabros ou deixar filtrar pelo viés da porta-janela do corredor o reflexo da suspensão. Uma imagem assim, que vinha a meu encontro quando eu começava a dobrar a esquina depois do mercadinho no fim da rua, parecia pertencer a um mundo cujos elementos pedregosos teriam desaparecido para dar lugar a uma mistura de íntima convicção e de culpabilidade. (Anne Cauquelin, 2007)

CASA NUVEM // CASA N(UV)EM // CASA NEM

No senso comum a palavra “casa” nos remete a uma série de significados possíveis: o lugar onde a gente mora; residência; o lugar de onde a gente veio; o lugar que nos traz saudade quando partirmos; o lugar para onde voltamos quando estamos viajando; a casa em que crescemos; a casa em que começamos uma família; um lar; um espaço de nossa intimidade; um espaço que nos acolhe; o ventre materno; um lugar estratégico, como num jogo de xadrez; um lugar especializado em um produto ou serviço; um lugar em que produzimos sonhos, planos, vidas; lugar onde encontramos sossego; de descanso; de revitalização do corpo; um lugar onde nos curamos de enfermidades, de convalescência; um abrigo; um esconderijo; um refúgio; um lugar onde guardamos coisas.

O trabalho observa a passagem (disputada e não consensual) de um espaço, lugar, imóvel, casa, da Casa Nuvem para Casa Nem. O que essas duas casas têm em comum? O que elas têm de diferente? Por que se chamam “casa”, e não “projeto”, “coletivo”, “grupo”, “iniciativa”? O que fazia da Casa Nuvem uma casa? O que faz da Casa Nem uma casa? A ideia de se falar de “casa” surgiu de forma um tanto intuitiva, após apresentar parte de minha investigação em uma disciplina cursada no doutorado, que se dedicava a discutir o conceito de paisagem. Acima, exponho um exercício informal, feito a partir de uma tempestade de ideias, para o que significa a palavra “casa”. A forma como a ideia de casa e o conceito de paisagem se cruzam, esta será a última proposição neste ensaio, que buscarei tornar evidente neste último tópico.

Anne Cauquelin (2007), que fala da paisagem como uma construção, refaz a história da paisagem, sempre associada à imagem da natureza, e esta sempre preenchida de uma essência de pureza. Olhar para paisagem é um ato contemplativo, quase sagrado, a paisagem é como uma janela para este lugar mágico a que a natureza nos remete (ou é remetida). No entanto, Cauquelin argumenta que a ideia que temos da natureza e, em seguida, da paisagem retratada como imagem da natureza, é fruto de uma série de informações intelectuais, artísticas, acadêmicas, que criam um entendimento



comum, uma aura para essa natureza/ paisagem. Ou, como explica Cauquelin, “A natureza se dava apenas por meio de um projeto de quadro, e nós desenhávamos o visível com o auxílio de formas e de cores tomadas de empréstimo a nosso arsenal cultural.” (CAUQUELIN, 2007, p. 26) O estudo sobre paisagens nos ajuda a pensar os territórios físicos, simbólicos e narrativos que se criam, que se escondem, que se constroem e que se relacionam. São territórios de fabulação, pois nos remetem a produções de memória e de imaginação; territórios em “rede”, pois apresentam e organizam diferentes camadas em um mesmo plano pictórico; territórios simbólicos e sociais ao mesmo tempo, pois um imóvel pode ser uma casa, mesmo sem ser uma residência, e produz subjetividade, mesmo em seu limite estritamente físico.

Que paisagens são construídas na disputa Casa Nuvem – Casa Nem? O que está sendo mostrado pelo que não é visível, pelo que está por trás do que se apresenta?

Alguns dias após o evento do carnaval, a Casa Nem “nasce” a partir de uma publicação, representada abaixo (Fig.3), publicada na página da Casa Nuvem no Facebook e replicada em outras páginas e perfis. O recurso utilizado na grafia CASA N(UV)EM, reproduzido intencionalmente neste atual ensaio, serve como um bom exemplo da controvérsia que é apresentada discursivamente nas publicações de Facebook.

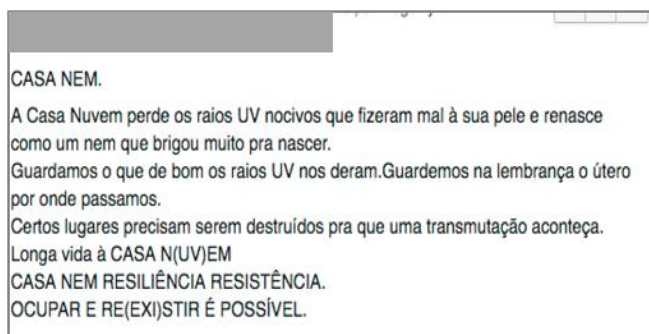


Figura 3 – Ocupação Casa N(uv)em

Fonte: *printscreen* de post sobre ocupação, 29/02/2016.

O texto da publicação pretende demarcar uma cisão a partir de uma negação, “A Casa Nuvem perde seus raios UV nocivos que fizeram mal à sua pele...”, e, “Certos lugares precisam ser destruídos para que uma transmutação aconteça”. No entanto, a grafia **N(uv)em** nos dá também uma pista de como essas duas casas estão imbricadas, de como **não** são uma a negação da outra.

Nesta direção, recorro novamente aos termos utilizados pelo Modo Operativo “And” (M.O_AND), - que tem como proposta prática, a partir de jogos, uma atenção voltada para a produção de “e” e não de “é”. A ideia é que se possa criar em laboratório (jogos) formas de relação mais harmônicas, em termos de reciprocidade, que depois tomarão lugar no plano da “vida real”. No



COMUNICON 2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

“e” encontra-se a relação, a produção comum, o cuidado. Um compartilhamento que tanto nos remete às microrrelações que estabelecemos com círculos afetivos mais imediatos, como a família, por exemplo, quanto em macrorrelações, que se estenderiam para ações da macropolítica, por exemplo. O “e” seria a ênfase na relação, na troca, no fazer “juntos”, e se colocaria como uma alternativa ao “é” categórico, que define e que exclui: uma coisa é isso, a outra coisa é aquilo⁸.

No entanto, mesmo com a atenção voltada para o “e”, há outra produção, que é a do “ou”, perigosa justamente porque disfarça um projeto de verdade, que a autora chama de produções de micros “és”. O “ou” excludente, na observação de um conflito, nos ajuda a entender a política das “opiniões”: cada um tem a sua, que será “respeitada”, mas não sobra mais espaço para a relação. É neste sentido que o “ou” é um micro projeto de verdade, mais do que um entendimento de dois caminhos distintos.

Na disputa observada da Casa Nuvem – Casa Nem o “ou” aparece na produção de narrativas, (reverberadas principalmente na rede sociotécnica do Facebook), que disputam legitimidade sobre uma ou outra casa. Por exemplo, para que a “ocupação” da Casa Nem no local onde antes era produzida a Casa Nuvem fosse legitimada diante do público frequentador e apoiador, era preciso que se criasse uma imagem negativa da mesma, como demonstra a figura 2 representada mais acima, nas publicações que denunciam a Casa Nuvem por *transfobia*.

“Casa Nuvem e Casa Nem” seria a forma de abordar este *acidente/ acontecimento* pelo prisma da multiplicidade e da complexidade. Uma casa (Nem) é a continuidade da outra (Nuvem); para que uma (Nem) existisse era preciso que antes outra (Nuvem) tivesse trabalhado na construção de um território simbólico e físico. As ações de arteavismo e a produção de encontros e projetos focados na diversidade social e cultural da Casa Nuvem estão intimamente ligadas à produção de projetos sociais voltados para causa LGBTQ e de ações que também tangenciam a produção política, artística e cultural da Casa Nem. Na mesma medida em que a Casa Nem já estava presente na Casa Nuvem e impulsionou projetos, abriu um espaço de diversidade, pela presença de uma liderança social do movimento transexual como ex-associada da Casa Nuvem e do projeto Prepara-Nem.

⁸ Os conceitos de “é” e “e” foram apresentados pela autora Fernanda Eugênio, durante o encontro Lab_AND e foram retirados de notas de caderno, produzidas ao longo de minha participação no encontro. O Lab_AND aconteceu de 20 a 26 de janeiro de 2018, no Espaço Mova, no Rio de Janeiro.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Assim, ainda que as narrativas produzidas teimem em dizer “Casa Nuvem **ou** Casa Nem”, ao entrar em contato com a história/ memória desses espaços-projetos vemos que a produção do “ou” excludente serve como estratégia discursiva, mas acaba por dar a ver uma controvérsia.

A apresentação deste recorte de materiais, frutos da observação de campo e das leituras teóricas, buscou refazer (ou dar a ver) a rede de relações que constituem o *acontecimento/ acidente* da passagem Casa Nuvem – Casa Nem. Este seria também um meio de abordar um fazer político atual que não está restrito a tomada de lados, mas que é evidenciado pelas múltiplas camadas que disputam outras formas do fazer e do dizer da política contemporânea.

Referências

- CALLON, Michel. **Entrevista com Michel Callon**: dos estudos de laboratório aos estudos de coletivos heterogêneos, passando pelos gerenciamentos econômicos. *Sociologias* [online]. n.19, pp. 302-321, 2008.
- CASTAÑEDA, Carlos. **A erva do diabo**: as experiências indígenas com plantas alucinógenas reveladas por Dom Juan. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins, 2007.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol.3. São Paulo: Editora34, 1996.
- EUGÊNIO, Fernanda; FIADEIRO, João. “Jogo das perguntas: o modo operativo ‘And’ e o viver juntos sem ideias”. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Org.). **Pistas do método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano comum. Vol.2. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- GORINI, Paula. **Carnavandalirização**: uma rede de arteativismo. In: *Polêmica!*, Rio de Janeiro, vol. 16, n.1, p. 63- 77, fev. 2016.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Vol. 1. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- OLIVEIRA, Luiz Alberto. **Biontes, bióides e biorgues**. In: NOVAES, Adauto (org). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo, Companhia das Letras: 2003.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: Ed.34, 2005
- _____. **O desentendimento**: política e filosofia. São Paulo: Ed.34, 1996.
- _____. “O dissenso”. In: **A crítica da razão**. São Paulo: Companhia das Letras; Brasília: Ministério da Cultura; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte, 1996. (367-382).
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.